

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

A ESCRITA COMO EXPERIÊNCIA CLÍNICA¹

Ana Maria De Souza Dias², Geovana Da Silva Ferreira³, Liége De Jesus Da Silva⁴, Camila Kruger Fernandes⁵, Jéssica Carine Batista Dos Santos⁶.

¹ Relato de Experiência de Estágio com ênfase em Processos Clínicos do curso de Psicologia da Unijuí.

² Professora do curso de Psicologia da Unijuí

³ Aluna do curso de Psicologia da Unijuí

⁴ Aluna do curso de Psicologia da Unijuí

⁵ Aluna do curso de Psicologia da Unijuí

⁶ Egressa do curso de Psicologia da Unijuí

Este trabalho surge a partir da experiência dos alunos do curso de Psicologia, que quando em estágio na ênfase de Processos Clínicos no ano de 2015, integraram a comissão de estudos responsável pela elaboração do Anuário da Clínica de Psicologia da Unijuí. O Anuário, como refere o termo, é uma publicação anual da Clínica de Psicologia da Unijuí, onde se registram as atividades realizadas internamente, assim como atividades externas que envolvem a formação dos estagiários em Processos Clínicos. Os representantes da Comissão do Anuário são os responsáveis pelo recolhimento e revisão das produções escritas, resultantes do estudo realizado pelas demais comissões, e pela elaboração do Anuário, juntamente com o professor coordenador da Clínica. A partir disso, a escrita tornou-se um signifiante que perpassou as atividades da comissão. Dessa forma, surgiu o interesse de trabalharmos a questão da escrita enquanto experiência clínica, na produção de um artigo com base na teoria psicanalítica, construído a partir de pesquisa bibliográfica, a qual será apresentada neste trabalho.

A psicanalista Simone Riques (1998, p. 39-40) nos afirma que "a escrita acerca da experiência clínica [...] não se reduz ao relato de um acontecido, mas que é ela própria um acontecimento, uma experiência". Quando iniciamos a ênfase em Psicologia e Processos Clínicos, nos deparamos com uma nova forma de escrita. Até aqui, escrevíamos sobre aquilo que pesquisamos, sobre a leitura de outros textos, um instrumento teórico sobre um tema que poderíamos dizer exterior ao escritor. Ao mesmo tempo em que experenciamos a passagem do lugar de alunos a terapeutas, experenciamos também questionamentos acerca de nosso lugar de escritores.

O modo como escrevíamos anteriormente, no lugar de aluno, não é capaz de sustentar a escrita na clínica. Trata-se agora de escrever sobre uma experiência de escuta, ao qual estamos implicados. Uma experiência em que estamos atravessados tanto quanto o paciente. E a escrita ganha outro endereçamento e outra função. Essa nova função permite legitimar a experiência e perceber por vezes algo que momentaneamente tenha escapado à escuta, que por meio da escrita se coloca e traz a possibilidade de uma nova interpretação.

Ana Maria Machado (1998) trabalha o conceito de escrita articulado à psicanálise em Lacan, concebendo a escrita não como um simples decalque do oral, mas como algo intimamente ligado ao signifiante e com uma relação específica com a linguagem. Não seria a escrita da ordem da representação imaginária do Real, mas da legibilidade simbólica. A escrita é capaz de subverter o Imaginário para fazer dele Simbólico. Essa autora se utiliza da afirmação de Lacan de que não há

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

uso simbólico de algo que não se vê para trazer a função de legibilidade simbólica da escrita, uma vez que é "em função de sua dimensão visual indiscutível [...] senão a via, pelo menos uma das vias régias possíveis de acesso ao Simbólico. A dimensão visual é um dos aspectos universais da escrita, na qual repousa a sua legibilidade" (1998, p.228).

A partir dessa contribuição de Machado podemos retomar o que dissemos anteriormente: a escrita tem uma função que permite legitimar a experiência e perceber por vezes algo que momentaneamente tenha escapado à escuta. É essa a função de legibilidade, de acesso ao Simbólico. Elaborar o que permaneceu de questão no momento da escuta e que reclama por simbolização, dar conta através da escrita daquilo que restou de Real. No ato da escrita há uma tentativa de endereçamento da experiência de escuta, que permite a construção de novos significados, o que faz com que a própria experiência seja modificada.

A escrita enquanto experiência clínica supõe também o atravessamento da Psicanálise no texto. A escuta realizada nos atendimentos, com o referencial da psicanálise, é uma leitura que demanda uma escrita. O ato de escrever ocorre com base no fenômeno transferencial, uma vez que quando escrevemos sobre uma experiência há a implicação do sujeito autor. É a Psicanálise que está em posição de terceiro nessa transferência, que indica ainda a presença de uma suposição de saber que sustente o desejo de escrever.

Essa escrita permite que possamos nos registrar e esclarecer o lugar que nos toca. A escrita está rodeada de várias significações que emergem através da experiência que obtivemos como estagiários-terapeutas e que através dessa experiência iremos chamar de transferência, a qual inclui o sujeito e aquele que o escuta. Segundo Birman (1994 apud WICKERT, 2006, p. 4-5) "o escrito analítico é um escrito que tem que dar conta do que foi a transferência. [...] tem que passar para quem o lê, o que foi aquela experiência analítica e, se possível, provocar um efeito de interprete em quem o lê[...]".

Em um primeiro momento aquele que escreve deve se apropriar daquilo que está escrevendo, daquilo que é da sua produção, para que assim possa se identificar com essa escrita e estabelecer a transferência por parte deste que escreve, pois na escrita está a marca deste que escreve. Portanto escrevemos a partir da demanda que o paciente apresenta.

Segundo Sousa (1998, p. 28), um ato de escritura verdadeiro é "um escrito que produz um sujeito". Assim, a escritura convocaria aquele que lê a trabalhar junto com o texto, contribuindo com o seu próprio inconsciente nessa leitura. Aquele que escreve coloca aquilo que é seu no texto para a outra pessoa ler como se fosse um intérprete. Desse modo a escrita sempre é endereçada a um outro, porém a interpretação é singular, cabendo ao leitor dar um sentido ao texto. Sendo assim, o texto analítico é uma escrita que nos exige trabalho psíquico.

Dizer que o ato de escrever se assemelha à associação livre implica considerar que a significação dessa produção se dará a posteriori. Não podemos dizer antecipadamente o que resultará enquanto texto, nem como o sujeito que escreve sairá dessa experiência. A respeito disso, Rickes nos traz ainda uma questão acerca de algo muito presente em nossa relação com a escrita: quem é esse eu que escreve o texto? Ao retomarmos após certo tempo um texto escrito por nós mesmos, frequentemente não nos reconhecemos nessa produção, e fica esse questionamento sobre quem é esse sujeito presente na escrita. Esse não reconhecimento do autor do texto nos aponta que não é o eu da consciência aquele que escreve. Tomamos então a escrita enquanto experiência como algo que faz emergir o sujeito do inconsciente.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

Rickes observa também que é frequente que ocorram resistências ao ato de escrever. O fato de que na escrita irá emergir o sujeito do inconsciente poderá produzir uma inibição desse ato, visto que: "Ocorre como se aquele que escreve supusesse que o seu texto pudesse revelá-lo por completo, desnudá-lo aos olhos do leitor, como se o autor e o texto possuíssem uma identidade e uma unidade apreensíveis" (RICKES, 1998, p.41). Além disso, quando o texto está inserido em um contexto acadêmico, em que será submetido a um processo de avaliação, o autor pode supor que a escrita ficará num lugar valorativo do sujeito, inibindo assim sua escrita.

A resistência pode ser pensada também como efeito de uma transferência do escritor com a própria Psicanálise, levando em conta que a escrita defronta aquele que escreve com a castração, na medida em que há um limite imposto pela linguagem e pelo Outro, onde há o impossível de se colocar em palavras, ou seja, o inconsciente. Deve-se considerar então a resistência, principalmente de quem ocupa o lugar de estagiário-terapeuta, que é, inicialmente, um lugar de angústia, momento em que precisa sustentar o seu saber e abandonar o lugar de aluno.

Um dos endereçamentos da escrita na clínica psicanalítica é a construção do caso clínico. O termo caso vem do latim, que significa o encontro direto com o real, com o que é indizível. Já o termo clínica vem no sentido de colocar-se mediante ao paciente e a partir desse encontro construir um saber (FRANKE; SILVA, 2012, p. 46). Assim, o caso clínico consiste no relato de uma experiência clínica.

A construção do caso clínico, enquanto escrita, possibilita legitimar o encontro do terapeuta com o paciente e interligar a fala que é dirigida ao lugar de saber com a dimensão teórica da Psicanálise. Permite a transmissão da teoria, contribuindo para a evolução do próprio caso clínico e possibilitando que o estagiário vivencie o conhecimento teórico de uma forma ativa. Tem a função de estabelecer um distanciamento que viabiliza ao terapeuta rever o caso e ressignificá-lo, ampliando sua escuta. Escrever um caso clínico não significa apenas um exercício teórico, mas se trata de movimentar a resistência de quem escuta, tentar elaborar os restos, o que ficou da fala do paciente e que não foi simbolizada no momento da escuta.

Como afirma Nasio (2000, p. 17) "O relato de um encontro clínico nunca é o reflexo fiel de um fato concreto, mas sua reconstituição fictícia". O terapeuta utiliza o que era apenas história para criar uma ficção e a partir disso surgir um caso. Esta ficção se dá a partir do relato de uma experiência onde o analista participou com seu desejo e na escrita traz sua lembrança. Conforme esse mesmo autor, Freud também verificou a impossibilidade de reprodução do real vivido, pois ele "ficava desolado ao constatar a imensa distância que separava o fato vivido do fato escrito, o fato real do fato narrado, e ao constatar o quanto a escrita, não conseguindo jamais descrever o real psíquico, só podia fornecer dele uma representação empobrecida" (2000, p. 27).

O terapeuta, rememorando o encontro, pensa com base em uma teoria e depois transmite através da escrita, utilizando a língua de todos. Por isso a escrita clínica é uma escrita do inconsciente, tanto do analista quanto do paciente. A escrita na clínica psicanalítica, além de ser uma rememoração, é um momento de ressignificação para o analista. Não deixa de ser um diálogo interno, primeiro escreve-se para si para depois escrever para outro. Essa escrita tem, assim como a psicanálise, um papel de terceiro na relação transferencial. Um terceiro na relação entre o analista e a psicanálise.

Dessa forma, a escrita na clínica se apresenta como uma experiência ao colocar o autor em posição de sujeito implicado em sua produção, uma vez que já não se trata de uma escrita temática indiferente ao sujeito, mas sim de sua própria vivência. Essa experiência é indispensável se

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

considerarmos seu aspecto de possibilitar a simbolização daquilo que restou do encontro clínico, ampliando assim a escuta do terapeuta. Podemos considerar ainda a escrita como uma ferramenta que nos acompanha durante a passagem do lugar de aluno à terapeuta, e que irá estreitar nossa relação com a Psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Clínica Psicanalítica; Registros Escritos; Simbolização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FRANCKE, Débora; SILVA, Jerto Cardoso da. Da escuta à escrita: a construção do caso clínico em psicanálise. *Psicanálise & Barroco em revista*, v. 10, n. 2, p. 42-61, dez. 2012.
- MACHADO, Ana Maria Netto. Presença e implicações da noção de escrita na obra de Jacques Lacan. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997.
- NASIO, Juan-David. Os grandes casos de psicose. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- RICKES, Simone Moschen. Escrever o que não se sabe. *Psicanálise e Literatura*, Porto Alegre, 1998, ano 8, n. 15, p.36-42, nov. 1998.
- SOUSA, Edson Luiz André de. O inconsciente entre o escrito e o escritor. *Psicanálise e Literatura*, Porto Alegre, 1998, ano 8, n. 15, p. 28-35, nov. 1998.
- WICKERT, Luciana Fim. A escrita da clínica psicanalítica. In: JORNADA ACADÊMICA DA FACULDADE DE PSICOLOGIA DA PUCRS, 2006, Porto Alegre. Disponível em: <www.lucianawickert.com.br/pdf/A_escrita_da_clinica_psicanalitica.pdf> Acesso em: 19 nov. 2015.